VII Simpósio Nacional de História Cultural
HISTÓRIA CULTURAL: ESCRITAS, CIRCULAÇÃO, LEITURAS E RECEPÇÕES
Universidade de São Paulo – USP
São Paulo – SP
10 e 14 de Novembro de 2014

A TOLERÂNCIA RELIGIOSA NO IMPÉRIO RUSSO COMO UM PROJETO CULTURAL CATARINO*

Rafael Andrade*

Bom, eu tive uma certa dor de cabeça sobre como estruturar essa comunicação. Se propor a falar sobre tolerância religiosa, ou qualquer outra política civil no Império Russa implica falar primeiramente em um enorme e extremamente diversificado Império, em políticas que afetariam diversas etnias, religiões e diversos tipos de organizações sociais, cada qual com suas reações específicas, reações estas que por sua vez exigiriam do governo tsarista respostas particulares. Em segundo lugar, porque esse tipo de tema é muito pouco estudado aqui no Brasil, o que me impede de ignorar conceitos mais básicos e partir para uma abordagem mais específica. Bom, eu primeiro pensei então em apresentar o estudo de alguma região específica do Império, provavelmente a região do Volga-Kama, mas acabei desistindo dessa ideia por ter percebido que, no final das contas, uma abordagem de estudo de caso não faria sentido se a minha audiência não tivesse conceitos básicos de uma política mais geral do Império. Por isso decidi ter uma abordagem mais generalista do tema, e falar sobre como a política oficial é ao mesmo tempo influenciada e influencia projetos científicos e culturais.

* Texto apresentado em apresentação homônima, no dia 13 de novembro de 2014, durante o VII Simpósio Nacional de História Cultural, realizado na Universidade de São Paulo.

* Rafael Andrade é bacharel em História, recém-formado pela Universidade de São Paulo. Esse é sua primeira apresentação de simpósio e seu primeiro texto publicado.

Por que eu estou fazendo essa introdução? Porque eu preciso fazer uma ressalva de que tudo o que eu vou falar aqui são no fundo apenas políticas oficiais do Estado. Essas políticas não foram livres de polêmicas e discordâncias, mesmo dentro da burocracia estatal.[1] A visão de um bloco único autocrático não passa de um mito, até pela dificuldade de se centralizar completamente a política de um Estado tão grande, especialmente antes do advento da ferrovia, quando se levava mais tempo para se fazer uma viagem de São Petersburgo ao Turquestão do que uma viagem de Londres para a Índia de navio.[2] Houveram diversos focos de oposição e debate, tanto no próprio período quanto na historiografia que busca estuda-lo, e eu não vou ter tempo suficiente para entrar a fundo nesse ponto nessa apresentação, então eu peço desculpas por isso.

No século XVIII a Rússia começou a progressivamente absorver visões de mundo ocidentais. Tanto as ciências quanto o Estado foram sofrendo lenta influência das proposições iluministas. Isso pode ser facilmente constatado nas teorias de naturalistas e etnógrafos russos do período. Enquanto a visão da classificação dos povos do território russo em "cristãos e não-cristãos", "nômades ou sedentários" era a regra na etnografia do século XVII, no XVIII[3] os etnógrafos passam cada vez mais a procurar outras distinções, dando tanta importância a coisas como corte de cabelo e estilo de culinária ou vestimenta quanto à questão religiosa. E aqui eu abro um parêntese para elogiar o trabalho do historiador Yuri Slezkine, que realizou um trabalho extremamente amplo de caracterização dos estudos etnográficos do período, sem o qual esse tipo de comparação não seria possível.[4]

O reinado de Catarina II apenas acentua essas visões iluministas e inaugura, em relação à Estepe, o que Willard Sunderland vai chamar de "Colonização Esclarecida", no seu esquema de classificação dos processos de colonização da Estepe por parte da Rússia. Sunderland coloca como conceito-chave dessa nova etapa de colonização a adoção pela vasta maioria dos russos educadas da ideia de uma linha de progresso, na qual todas as

[1] FISHER, Alan W. Enlightened Despotism and Islam Under Catherine II. In: *Slavic Review*, Vol. 27, No. 4. (Dec., 1968), pp. 546-547

[2] MORRISON, Alexander. Russian Rule in Samarkand, 1868-1910: A Comparison with British India. Oxford University Press, Oxford, 2008. pp. 3-4.

[3] KHODARKOVSKY, Michael. Where Two Worlds Met: The Russian State and The Kalmyk Nomads, 1600-1771. Cornell Univeristy Press, Ithaca, 1992.

[4] SLEZKINE, Yuri. Naturalists versus Nations: Eighteenth Century Russian Scholars Confront Ethnic Diversity. In: Russia's Orient: Imperial Borderlands and People. pp. 27-58.

civilizações poderiam adentrar. Os russos começaram a ter orgulho de seu Império conter uma grande parte do "Grande Mapa da Humanidade", que representava a diversidade das populações humanas no globo, mas enxergavam os demais povos súditos do Império como atrasados em relação aos russos. O que isso significa é que caberia então ao "benevolente" Império Russo um papel de liderança na condução dessas populações ao inevitável estado de civilização, o que no entanto só poderia acontecer de forma voluntária e não coercitiva.[5]

Não é somente nos limites da estepe que esse tipo de proposta é colocada, mas sim dentro de todo território imperial. Há claramente uma mudança na maneira na qual o Império passa a se enxergar e enxergar as diversas etnias e religiões presentes em suas fronteiras, no que a historiografia vai denominar como "Compromisso Catarino" (ou "Comprometimento Catarino"), que se tornaria uma das diretrizes de pensamento mais importantes nas políticas civis do Império Russo até a Revolução de 1917.[6]

Em relação à política religiosa, a abordagem iniciada por Catarina, e que será mantida por seus sucessores, é clara: Para se construir um Império coeso, a ordem é integrar as minorias étnicas e religiosas o máximo possível na sociedade e na burocracia estatal do Império Russo, com o maior destaque para a integração de povos muçulmanos e a sedentarização dos povos nômades que habitavam o território imperial. A cristianização ainda é vista como um passo importante no processo de "se tornar russo", mas passa a ser considerada como uma consequência óbvia do efeito que a supostamente superior civilização russa teria no contato com os povos "menos civilizados". A crença era a de que vendo os benefícios trazidos pela civilização russa pelo crescente número de colonos nas regiões fronteiriças do Império, os nativos admitiriam sua inferioridade civilizacional e se converteriam com o tempo. A política de cristianização forçada, tão comumente adotada por seus predecessores, foi absolutamente proibida, logo nos primeiros anos do reinado da Imperatriz, por ser considerada tanto uma política ineficaz no controle das populações locais, como uma política "anti-humanista", incompatível com os ideais culturais que ela dizia exaltar. [7]Citando aqui a própria Catarina, em sua

[5] SUNDERLAND, Willard. Taming the Wild Field: Colonization and Empire on the Russian Steppe. Cornell University Press, Ithaca, 2004. pp. 55-73.

[6] BROWER, Daniel R., LAZZERINI, Edward J. Russia's Orient: Imperial Borderlands and People. pp. 311-315.

[7] FISHER, Alan W. FISHER, Alan W. Enlightened Despotism and Islam Under Catherine II. pp 542-553

Comissão Legislativa de 1767, para a qual foram convidados diversos nobres de religiões não-cristãs, por sinal:

> "Em um Estado como o nosso, que estende suas fronteiras sobre diversas nações diferentes, ao se proibir, ou não se permitir à essas nações que elas professem modos diferentes de religião, traria perigo para a paz e segurança dos nossos cidadãos. O método mais correto de se retornar essas ovelhas perdidas ao verdadeiro rebanho dos fiéis é através da prudente tolerância das demais religiões(...)"[8]

Em 1773, o Santo Sínodo da Igreja Ortodoxa declara, sob ordens da Imperatriz, o "Edito de Todas as Fés", na qual efetivamente se afirma a tolerância religiosa como uma política oficial do Império. O Edito teve importância principalmente para o status do Islã em território russo, ao primeiramente levantar a proibição da construção de mesquitas e em segundo lugar ao se proibir o proselitismo e missionarismo cristão entre os povos muçulmanos pertencentes ao Império. Em compensação, a reciproca também era verdadeira: ainda cabia aos muçulmanos que tentassem exercer proselitismo entre cidadãos cristãos do Império a punição estabelecida no *Ulozhenie* de 1649: ser queimado vivo.[9] Mesmo com o número significativo de bashquíres, outros muçulmanos e populações de religião animista aderindo à Rebelião de Pugachev, dado que alarmou as autoridades, essas políticas não foram suspensas, pelas considerações da elite imperial de que a maior parte dos *inorodotsy* (termo genérico para não cristão) se juntou ao levante por "ignorância", tendo sido enganadas por uma figura carismática.

A produção científica e cultural tanto do período catarino, quanto no reinado de seus superiores imediatos, ao mesmo tempo reflete e influência o pensamento oficial do Estado. A influência se faz sentir em diversas áreas. Na etnografia, na geografia, nas ciências naturais e na história, as crescentes tentativas de se colocar um ancestral comum entre os russos e os povos nômades do Império, na figura do Cíta, exemplificam isso, e se mostram, de certa forma, uma mimetização dos esforços ocidentais em associar suas modernas nações com povos provindos da antiguidade clássica, como a França fazia com os gauleses e a Inglaterra fazia com os Celtas.[10]

[8] REDDAWAY, William F. Documents of Catherine the Great. Cambridge University Press, Cambridge, 1931. P. 289.

[9] HELLIE, Richard. T*he Ulozhenie (Law Code) of 1649*. Volume 1. Irvine, Charles Schlacks Publisher, 1988.

[10] SUNDERLAND, Willard. Taming the Wild Field. pp 55-73.

No campo da linguística, Vassilii Tred'iakovskii, já na década de 1840, nota que "A visão de que o nome 'russos' (*rossiane*) vem do verbo 'se expalhar' (*razseianie*) é tão difundida que ao se discordar dela se está sujeito a acusações de teimosia e arrogância"[11]. Apesar de Tred'iakovskii escrever quase meio século após a morte de Catarina II, ele ainda reflete noções que foram adotadas no período catarino. Aos russos caberia se espalhar e colonizar o vasto território de seu império, trazendo os benefícios da civilização aos povos não-cristãos. Kliuchésvki também tem uma passagem interessante, quase poética, sobre o assunto, na qual ele compara a ocupação transcontinental russa com o movimento migratório de pássaros abandonando seu antigo ninho e criando um novo.[12] Isso nada mais é do que uma forma sofisticada de justificação do imperialismo.

Na literatura, já no final do século XVIII e começo do XIX, com a diminuição na ameaça que os povos nômades fronteiriços representavam, a Rússia começou a criar sua própria versão do "bom selvagem", legitimada por diversos autores, dentre eles o maior sendo Pushkin, na qual o nomadismo e as religiões animistas, de símbolos da "falta de civilização" começaram a ser gradativamente valorizados como "estilos de vida simples". O que antes, no esquema de mundo iluminista, era visto como "barbarismo" passa a ser visto como um estado idílico e de grande valor. O Calmíque que antes era o temido selvagem violento e bárbaro, vira agora o gentil protetor das fronteiras russas e da natureza. Isso só mostra como a ideologia imperial não é imutável, e como ela ao mesmo tempo influencia e é influenciada pela cultura. [13]

Em 1788, inspirados nas experiências realizadas na recém-anexada Criméia, o governo, sob a tutela do Barão Igel'strom, homem de confiança de Catarina e testemunha de primeira mão desses experimentos, cria-se um novo órgão estatal para se tratar da questão muçulmana: A Assembleia Espiritual Muçulmana, localizada na cidade de Ufa, o primeiro mecanismo criado pelo governo com a aberta intenção de "estatizar" o islamismo e usá-lo para a defesa dos interesses do Império. [14]

A Assembleia Espiritual basicamente tinha como função regular os aspectos religiosos da vida dos súditos muçulmanos do Império. À ela cabia a resolução de disputas

[11] SUNDERLAND. Taming the Wild Field. pp 94-95.

[12] SUNDERLAND. Taming The Wild Field. p. 227.

[13] KHODARKOVSKI, Michael. Russia's Steppe Frontier: The Making of a Colonial Empire, 1500-1800. Inidana University Press, Bloomington, 2004.

[14] FISHER, Alan, W. Enlightened Despotism and Islam Under Catherine II. p 548.

de aspecto religioso entre muçulmanos, a introdução de uma doutrina islâmica única no Império, e, mais importante, regulamentar a atividade dos imãs e demais pregadores muçulmanos. O governo agora não somente tolerava o islamismo, mas também o apoiava de maneira institucional, financiando mesquitas, pagando salários para uma nova classe de "clérigos" licenciados e perseguindo aqueles que não se licenciavam. [15]

O progressivo licenciamento desses imãs e sua transformação em uma classe de "clérigos" profissionais, análogos ao clero ortodoxo requereu também uma severa reestruturação na ordem social das comunidades muçulmanas, e deixou evidente outra faceta da política de Igel'strom: o "anticlericalismo" em relação ao Islã. Ao serem licenciados, os imãs assumiam diversas funções burocráticas adicionais ao seu papel tradicional na sociedade, além de sofrerem restrições draconianas, a mais pesada dessas sendo a proibição da prática do comércio por parte desse novo "clero", prática esta que, por muitas vezes, consistia na principal renda desses imãs antes do licenciamento. Adicionalmente, os imãs licenciados, apesar de todas as suas obrigações, não possuíam os mesmos privilégios do clero ortodoxo, como a isenção de punições corporais, nem uma versão análoga primazia absoluta exercida pela Igreja Ortodoxa entre seus fiéis. [16]Esse "clero" era, afinal, subordinado ao Estado, e não demorou muito para a população islâmica perceber isso e começar a apelar para a Assembleia Espiritual, para o governador de Orenburg, ou mesmo para o Tsar na resolução de disputas religiosas. Igel'strom justificava esse tipo de política com a suspeita de parte dos imãs trabalharem para o Império Otomano, mas esse tipo de política se tornou uma marca da relação entre o Estado e o Islã durante todo o século XIX, sempre com justificativas diferentes. [17]

O coroamento das políticas de tolerância religiosa empreendidas por Catarina veio quando, em 1823, apenas duas décadas após a morte da Imperatriz, mesmo a "Santa Moscou", coração da cristandade russa, recebeu sua primeira mesquita, mesmo com grande oposição por parte da Igreja Ortodoxa[18], enquanto o auge da parceria entre Estado e Islã se deu no reinado de Nicolau I, onde, nas palavras de seu Ministro de Assuntos Religiosos, Alexander Shishkov, o Estado deveria combater a heresia entre todas as fés

[15] FISHER. Enlightened Despotism and Islam Under Catherine II. p 549-551.

[16] CREWS, Robert D. For Prophet and Tsar: Islam and Empire in Russia and Central Asia. Harvard University Press, Cambrige, 2006. pp 92-143.

[17] FISHER. Alan W. Enlightened Despotism and Islam Under Catherine II. p 548-553. CREWS. For Prophet and Tsar. pp 92-110.

[18] CREWS. For Prophet and Tsar. pp 1-30.

reconhecidas dentro do Império[19]. O governo de Nicolau, portanto, se utilizou diversas vezes do aparelho repressor do Estado para garantir a implantação da Sharia da maneira como os clérigos leais ao Império achavam correta, reprimindo peregrinos sufis, clérigos não-licenciados, professores itinerantes e manifestações populares do islamismo, entre outros indivíduos considerados pela administração muçulmana como "sectários" ou "hereges".

Foi só no final da década de 1860, após diversas circunstâncias, entre elas os mais de 50 anos de uma guerra de guerrilha extremamente brutal no Cáucaso contra o Imã Shamil, que desencadeou uma nova onda de anti-islamismo, que o Estado Russo lentamente reformulou novamente a maneira na qual ele se enxergava. O princípio iluminista estabelecido por Catarina do Império como um estado multiétnico foi sendo gradualmente substituído pela visão nacionalista de um Estado Russo para os russos, em mais uma mostra do como cultura e governo se influenciam mutuamente.[20]

O Edito de 1773 nunca foi revogado, no entanto, e nem o "Compromisso Catarino" totalmente jogado para escanteio, como evidencia o governo do General Pyotr Von Kauffman e sua política de *"ignorovannie",* que consistia simplesmente em ignorar as populações nativas, no recém conquistado Turquestão, confiando que elas seriam súditas leais do Império se garantida sua autonomia. Von Kauffman se enxergava como um grande campeão do legado catarino e foi também visto dessa maneira por seus contemporâneos. [21]

Embora as políticas de tolerância de Catarina tenham falhado em seu propósito inicial, levar os outros povos do Império ao mesmo "nível civilizacional" que os russos, o que, em sua percepção incluía o cristianismo, elas tiveram um legado duradouro na cultura russa e na ordem social do Império. Dois episódios já no século XX ilustram bem isso: O primeiro é a comemoração do tri-centenário da Dinastia Romanov, em 1913. Na ocasião, Catarina e seus sucessores foram extremamente celebrados nas agora dezenas de milhares de mesquitas por todo território russo. Em uma interessante manipulação histórica, o imã Mukhametsafa Baizatov, figura mais importante na comunidade islâmica

[19] WERTH, Paul W. At the Margins of Orthodoxy: Mission, Governance, and Confessional Politics in Russia's Volga-Kama Region, 1827-1905. Cornell University press, Ithaca, 2002. p. 14-15.

[20] GERACI, Robert P., KHODARKOVSKI, Michael. Of Religion and Empire: Missions, Conversion, and Tolerance in Tsarist Russia, Cornell University Press, Ithaca, 2001.

[21] BROWER, Daniel. Islam and Ethnicity: Russian Colonial Policy in Turkestan. In BROWER, Daniel R., LAZZERINI, Edward J. Russia's Orient: Imperial Borderlands and People. pp 115-138.

de São Petersburgo, proferiu um discurso extremamente devotado aos Romanov, no qual aponta o papel islâmico nas fundações do Estado autocrático.

> "Quando, 300 anos atrás, o ancestral de nosso atual soberano, Mikhail Feodorovich Romanov, foi convocado pelo povo russo para reinar, diversos príncipes tártaros também assinaram o documento (....) Tanto os russos ortodoxos, quanto os muçulmanos ortodoxos agiram em união fraternal nessa grande questão, sem ligar para questões de fé, de sangue ou de linguagem, quando se tratava da nossa pátria comum.".[22]

A outra ocasião foi a Primeira Guerra Mundial, no qual, em resposta à Fatwa publicada pelo chefe do estabelecimento religioso Otomano, que pedia aos muçulmanos que entrassem em jihad contra a Rússia, o Mufti Mukhamed'iar Sultanov, a mais alta autoridade muçulmana no Império Russo, publicou uma "contra-fatwa", conclamando a população russa a mostrar seu patriotismo e a lutar "pela pátria". Mais de um milhão de muçulmanos responderam ao chamado, se auto declarando "verdadeiros filhos da pátria-mãe". Lutando ao lado de budistas, cristãos ortodoxos, judeus, católicos, animistas, protestantes e outros, eles provaram que, por mais que não fossem considerados russos pelas noções catarinas ou pelo estabelishment Imperial do fim de século, sem dúvida alguma, muitas dessas populações se consideravam, quando não russas, no mínimo em pé de igualdade com os russos étnicos na formação do Império.[23]

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FISHER, Alan W. Enlightened Despotism and Islam Under Catherine II. In: *Slavic Review*, Vol. 27, No. 4. (Dec., 1968), pp. 546-547

KHODARKOVSKI, Michael. Russia's Steppe Frontier: The Making of a Colonial Empire, 1500-1800. Inidana University Press, Bloomington, 2004.

KHODARKOVSKY, Michael. Where Two Worlds Met: The Russian State and The Kalmyk Nomads, 1600-1771. Cornell Univeristy Press, Ithaca, 1992.

REDDAWAY, William F. Documents of Catherine the Great. Cambridge University Press, Cambridge, 1931.

[22] CREWS, Robert D. For Prophet and Tsar: Islam and Empire in Russia and Central Asia. Harvard University Press, Cambrige, 2006. p. 351.

[23] CREWS, For Prophet and Tsar. pp. 350-372.

WERTH, Paul W. At the Margins of Orthodoxy: Mission, Governance, and Confessional Politics in Russia's Volga-Kama Region, 1827-1905. Cornell University press, Ithaca, 2002.

GERACI, Robert P., KHODARKOVSKI, Michael. Of Religion and Empire: Missions, Conversion, and Tolerance in Tsarist Russia, Cornell University Press, Ithaca, 2001.

CREWS, Robert D. For Prophet and Tsar: Islam and Empire in Russia and Central Asia. Harvard University Press, Cambrige, 2006.

HELLIE, Richard. The *Ulozhenie* (Law Code) of 1649. Volume 1. Irvine, Charles Schlacks Publisher, 1988.

MORRISON, Alexander. Russian Rule in Samarkand, 1868-1910: A Comparison with British India. Oxford University Press, Oxford, 2008.

BROWER, Daniel R., LAZZERINI, Edward J. Russia's Orient: Imperial Borderlands and People. Indiana University Press, Bloomington, 1997.

SUNDERLAND, Willard. Taming the Wild Field: Colonization and Empire on the Russian Steppe. Cornell University Press, Ithaca, 2004.

GERACI, Robert P. Window on the East: National and Imperial Identities in Late Tsarist Russia. Cornell University Press, Ithaca, 2001.